

A Campanha Pela Instituição Do Regime Parlamentar

«A Terceira República está mais decrepita, ao cabo de dois anos, do que a primeira depois de quarenta, e a segunda depois de sete»

Fala ao «Correio do Sul» o deputado Raul Pilla

O sistema de governo volta a ser discutido com redobrado vigor na imprensa e na tribuna do Parlamento.

O debate empolgou a Nação quando em 1946 a Assembléia Constituinte discutia e elaborava a Constituição que nos rege. Naquela época cerca de 80 representantes da soberania popular batalharam pela implantação do governo de gabinete, conforme a denominação inglesa. Foram vencidos no plenário da votação, não obstante argumentação cerrada e irresponsável, comprovante do fracasso, já histórico, do presidencialismo em quase sessenta anos de prática.

Agora, ante nova evidência dos acontecimentos políticos e administrativos do país, em face de um governo que não está, positivamente, correspondendo às necessidades e aspirações da nacionalidade, ressurgiu a vontade de examinar o problema da forma ou sistema de governo, possibilitando, em consequência, uma revisão constitucional que implante um governo coletivo e responsável.

Mas, neste instante tão dramático para o nosso povo, já não é só o glorioso Partido Libertador que se apresenta na liça como campeão tradicional do parlamentarismo, porquanto em outras organizações partidárias avolumam-se correntes e destacam-se elementos de real valia propugnando pela adoção do regime que vigorou no Império, forjando grandes e imortais estadistas que honram a história política brasileira. E uma prova da assertiva é que, hoje, mais de cem parlamentares se enfileiram para um ataque frontal ao presidencialismo, responsável por consecutivas deturpações do regime representativo e consagrador, por excelência, das mediocridades que nos têm desgovernado.

Entretanto, é no seio da União Democrática Nacional, o partido do Brigadeiro Eduardo Gomes, que o movimento parlamentarista tomou mais consideráveis proporções, com francas manifestações de seus maiores condutores pela criação de um governo de gabinete. Já são públicas as opiniões expendidas pelo jurista e professor de direito Ferreira de Souza, líder da UDN no Senado Federal e, agora, Prado Kelly, líder do mesmo partido e uma das mais culminantes e prestigiosas figuras da Câmara dos Deputados, não vacilou em proclamar que a única solução e última esperança para os nossos angustiantes problemas é a mudança de sistema de governo no sentido do Poder Executivo ser exercido pelo Conselho de Ministros.

Ante tão palpitante debate, que condiz imediata e diretamente com a felicidade nacional, e no qual toma parte saliente a UDN, o grande partido que tem a responsabilidade de governo em sete unidades da Federação, resolvemos ouvir o deputado Raul Pilla, em homenagem ao seu valor e à sua indesviável pregação política, qualidades que o têm popularizado como impressionante expressão da democracia brasileira.

Encontrava-se o extrêmo paladino do parlamentarismo na sala da Comissão de Educação, no Palácio Tiradentes, quando solicitamos a sua autorizada opinião sobre a nova orientação de vultos exponenciais da UDN, formulando-lhe as seguintes perguntas, respondidas com método, segurança e lógica dignas do preclaro mestre:

— Como interpreta v. excia. o movimento udelista pela adoção do parlamentarismo em nossa Constituição?

— Não me surpreende absolutamente o movimento que se vem operando, no seio da UDN, em favor do regime parlamentar. No seu seio se contam grandes expoentes do parlamentarismo, como José Augusto, Ferreira de Souza, Aloisio de Carvalho, Nestor Duarte, Matias Olimpio. Mas, muito mais que estas influências individuais, é a própria razão de ser da UDN o que a arrasta fatalmente para o sistema parlamentar.

Que é, com efeito, a UDN? Um grande e empolgante movimento de restauração democrática. Este movimento comportava uma dupla missão: a tarefa negativa de derribar a ditadura e, além desta, a tarefa por certo mais dificultosa, de edificar a democracia. Está na memória de todos, como se realizou a primeira tarefa, sob a inspiração do Brigadeiro e com o auxílio, justo é reconhecê-lo, do atual presidente da República. A ditadura veio abaixo, apesar de tôdas as tergiversações do ditador.

Mas, quanto à segunda tarefa? Não bastava, evidentemente eliminar a ditadura, para que, em seu lugar, surgisse naturalmente a democracia. Era preciso construí-la desde os fundamentos. E isto demandava um plano e trabalho. E era preciso construí-la solidamente, de modo que não viesse a arruinar-se, como sucedeu com a que já se estava fendendo, quando lhe foi desfechado o golpe de 10 de novembro. Aqui falharam os arquitetos. Mais cômodo e mais simples era reconstituir o passado, em vez de fazer obra nova. Reincidiu-se nos velhos erros, em vez de os evitar. O resultado aí está à vista de todos: a terceira República está mais decrepita ao cabo de dois anos, do que a primeira depois de quarenta, e a segunda, depois de sete. E' que, sob a influência do presidencialismo, se vem agravando e acelerando o processo degenerativo da democracia brasileira. A primeira República desfechou na revolução; a segunda, na ditadura; a terceira, ninguém sabe no que dará, se não lhe dermos remédio pronto e radical.

Não admira, pois que a UDN, organização ainda heterogênea, mas essencialmente democrática, se detenha ante tão triste situação, para perquirir novos rumos. Cumpre-lhe realizar, com o concurso das demais correntes democráticas, a segunda parte da tarefa, pois, se já não temos a ditadura, na acepção

completa do termo, não temos ainda democracia. E a UDN terá falhado, se não-la não souber dar.

— Acredita, pois, que a UDN possa vir a incluir o parlamentarismo no seu programa?

— Acredito nesta possibilidade. Duvidar dela, o mesmo seria que duvidar dos seus sentimentos democráticos. Teoricamente, é o parlamentarismo a forma mais perfeita de democracia representativa; praticamente, aí está não sómente a nossa experiência, mas também a de toda a América Latina, a demonstrar o que é o presidencialismo. Recusar a experiência proposta pelos parlamentaristas o mesmo é que não querer tentar tirar o País do atoleiro.

Estamos marchando inevitavelmente para o sistema parlamentar. A corrente cresce dia a dia no Congresso Nacional. Não é sómente a UDN: o PSD, o PR, o PTB estão sendo tomados pela idéia. Trata-se de um movimento acima dos partidos e tão forte que os acabará arrastando. Alguns ainda recalçam, apegando-se aos velhos preconceitos; mas os espíritos mais ágeis já reconheceram toda a importância do fenômeno. Como a Abolição, a democratização da República far-se-á a despeito dos interesses criados.

E com essas afirmações plena de firmeza e convicção, ficou encerrada a entrevista com que dignificou o «Correio do Sul» o grande democrata deputado Raul Pilla.